5.° ANO — LISBOA—TERÇA-FEIRA, 12 DE JANEIRO DE 1926 — N.° 1461

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO { Rua da Rosa, 57, 2. Telefone: 1:470 C.
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES { Direcção: T. 195 Redacção: T. 319
Endereço telegrafico: DIBOA

CAMILO

A Comissão do Monumento a Camilo recusou todas as «maquettes» apresentadas ao concurso. Eram nove, supômos.

Fômos vê-las, e vê-las com cuidado.

Hemos de confessar—de resto já o nosso critico de arte o tinha dito—que os projectos são, de uma maneira geral, inferiores.

Exceptuando um, que os seus autores já assinaram, e que tem certa originalidade altiva, ajustada ao pensamento da obra do grande romancista que se pretende consagrar, mesmo certa elegancia decorativa não despida de vigor, e ainda outros dois, por ventura aceitaveis—o mais é sensivelmente infeliz.

E, pergunta-se:

—Então não ha escultores em Portugal?

—Então não ha em Portugal artistas, fortes de pensamento e de expressão, capazes de terem compreendido—e sentido—a obra de Camilo?

Seria arrojo, ou injustiça, dizer que de facto não ha. Ha. Ha em Portugal escultores.

Mas muitos não concorreram, e outros, por motivos que são comuns em Portugal—começaram, e não concluiram.

Falou-se mesmo numa greve de escultores, ante a Comissão do Monumento.

Queremos dizer que os motivos porque o concurso não resultou brilhante, á altura do nome querido, singularmente querido, do autor do «Amor de Perdição» e do «Eusebio Macario», se devem filiar mais em causas de caracter particular do que em razões de merito artistico.

E ainda que seja por insuficiencia artistica que as «maquettes» foram recusadas, o certo é que não ficou provado que não houvesse escultores em Portugal capazes de cometerem semelhante trabalho, honroso trabalho monumental de arte e de pensamento.

Outro concurso vai ser aberto.

E' preciso que a comissão torne publicos aos artistas os seus pontos de vista seguros. Para que os artistas não excedam certas condições ou não se afastem muito do objectivo da comissão.

Por sua vez, os escultores, compenetrados do «nacionalismo» do vulto enorme que se vai consagrar, do caracter da sua obra, do vigor da sua pena, do poder formidavel do seu sentimento, não se reduzam a expressões demonstrativas de «atelier», e entrem no concurso com rompante, que não significa excentricidade, e com alegria, que não quere dizer humorismo.

Bem se sabe que a grandeza de um monumento depende bastante da sua largueza financeira. Mas não depende em absoluto, e ha sempre, para pensamento inspirador e alma eleita de artistas, um meio termo onde se pode conceber e realizar alguma cousa de belo, de forte—de digno.—*A.*

O CÃO, animal domestico tão simpatico e fiel, nas suas variadas especies e raças, desde o cãosinho inocente e piegas de trazer ao colo até ao cão feroz de guarda—está a ser lá fora objecto de largos estudos tributarios.

Em Berlim, que possue 218 000 cães (estatistica por recenseamento oficial!) produzem uma renda de quarenta milhões de francos—ou quarenta mil contos. O Rio de Janeiro tem, diz o «Paiz», 260.000 cães, que vão ser tributados em 4 500 contos brasileiros.

Esta população excessiva de cães fica muito longe da de Constantinopla, ha anos, que possuia 700 000 cães. Tres terços deles foram despachados em navios para o mar alto, e lançados ás ondas. Mas milhares deles salvaram-se, e recolherem-se a uma ilha, onde se foram devorando uns aos outros. Os navios passavam longe para não ouvir o uivar lugubre. A Turquia acabou por tributar os que, por pertenceram a altas individualidades, não foram levados para o Mar Negro.

Resta dizer que, com seus 218 000 cães, Berlim tem uma reduzida estatistica da raiva. Entre nós—quantos cães terá Lisboa?—a hidrofobia alastra. Familias inteiras andam sofrendo tratamento no Instituto.

A tributação do cão pode ser uma maneira indirecta de propagar a raiva, a menos que essa tributação se destine a propagar a conveniencia de acabar com os cães vadios.

Mas o caso são os 260 000 mil cães cariocas! E todos eles a pagarem... e a comerem...

* * *

JÁ repararam .. Quem vende violetas, nas ruas elegantes de Lisboa? Tratando-se de flôres, estavam naturalmente indicadas raparigas novas e bonitas para o seu comercio.

Em todas as capitais, são elas que detêm este monopolio.

Pois em Lisboa não é assim—as violetas são oferecidas ao publico por individuos robustos, aptos para outras especies de trabalho!

Diz-se que a mulher faz hoje concorrencia ao homem nas ocupações e empregos.

Em Lisboa, por enquanto, o contrario é que é verdadeiro.

O sexo fragil limita se a papeis secundarios, aceitando sem protesto a tirania dos seus senhores.

* * *

INFORMAÇÕES seguras garantem-nos que o fabrico de novos discos de cobre e cobre-aluminio, que hão de substituir as cedulas desde $05 até 1$00, tem tomado um grande incremento, sob a direcção do administrador interino da Casa da Moeda, sr. Oscar da Silva Pereira Dias, distinto oficial de engenharia.

Concorreu poderosamente para isso o facto de saber tratar com o pessoal, apreciando a sua competencia e criando o estimulo para o trabalho.

A produção diaria duplicou nos ultimos tempos, sendo de prever que de aqui a poucos meses comece a circular com abundancia a moeda metalica.

* * *

NO proximo dia 14 do corrente, pelas 15 horas, celebra-se no «Instituto de Educação e Trabalho» a festa comemorativa da sua fundação, devendo assistir o sr. Presidente da Republica.

* * *

SABEMOS de fonte fidedigna que ainda não foi discutido em Conselho de Ministros o Alto Comissariado de Moçambique, e, portanto, não foi ventilada a sua substituição.

IMPEDIDOS...

—E o teu oficial que posição tem?

—Se quere que lhe diga, nem sei ao certo. Ele nunca vai a casa! Agora a patrôa, sim, que tem uma posição de alto lá com ela...

NA Quinta da Penha Longa, em Cintra, uma fera dizimou um rebanho, matando 64 carneiros e ovelhas.

Renasce o terror entre os ruraes e os proprietarios voltam a fazer esperas, até de madrugada, com as caçadeiras aperradas.

No ano passado, depois de longas pesquizas, chegou-se á conclusão que os lobos do Monte Murado eram... politicos.

Mas agora? Ousará alguem sustentar que este novo morticinio de lanigeros é inventado com fins eleitoraes?

Isso seria levar a *blague* demasiado longe.

Parece-nos conveniente tomar o caso a serio, fazendo-se uma batida em forma á região infestada.

Em todos os tempos, o homem soube varrer o terror que os grandes carnivoros costumam espalhar.

Esperamos que Cintra não consinta que as suas paisagens de fama universal acabem por desacreditar-se com lendas horripilantes.

* * *

ACABA de concluir a sua formatura em Direito, obtendo a alta classificação de 18 valores, o sr. dr. Fernandes de Castro, que durante alguns anos foi ornamento da tribuna sagrada, da qual está afastado por motivos que não vem para o caso, mas que de forma alguma diminuem o valor moral, a integridade mental e as crenças mais ardentemente catolicas do ilustre sacerdote.

O sr. dr. Fernandes de Castro, que soube, em certos termos, por ventura discutiveis, fazer do pulpito tribuna—fluente, castiço, predestinado do verbo, elegante e por vezes satirico—vai, certamente, na carreira profissional que abraçou, e que não é incompativel com a sua função na Igreja, criar o mesmo nome respeitado e brilhante, singularmente sugestivo, que durante muito tempo o notabilizou como orador sagrado.

Cumprimentamos o novo advogado e adivinhamos lhe os maiores triunfos.

* * *

NA Sociedade de Geografia, realiza, hoje, ás 21,30, o eminente historiador e sociologo mexicano D. Carlos Pereyra, uma conferencia sobre a «Obra colonizadora dos povos peninsulares, na America».

Tem D. Carlos Pereyra a sua reputação solidamente firmada em numerosos e valiosissimos trabalhos, de entre os quais destacaremos a sua «Historia da America Espanhola», a «Historia do povo mexicano», o «Mito de Monroe», a «Constituição dos Estados Unidos, como instrumento de dominação plutocratica», a «Obra da Espanha, na America» e a «Conquista das rotas oceanicas».

Neste ultimo livro, em que muito alto coloca o nome de Portugal, mostra o seu autor, com uma persuasiva e eloquente documentação, o brilhante papel que as duas nações da Peninsula desempenharam na historia da civilização.

* * *

FALECEU hoje, na sua residencia, a senhora D. Maria do Carmo Barros de Carvalho, mãe do nosso amigo sr. Guilherme Pereira de Carvalho, sub-director da revista *De Teatro*, a quem apresentamos sentidos pesames.

* * *

ENCONTRA-SE doente, ha já alguns dias, o brilhante poeta Augusto Gil, e nosso querido amigo, que sofre de um forte ataque de «grippe». Desejamos-lhe prontas melhoras.

A musica

Gimnasio

Admiravel interpretação a da abertura da «Cleopatra», de Mancinelli. A peroração, preparada e abordada com extraordinario brilho pelo maestro Fão, pós em relevo toda a beleza dessa empolgante apoteose orquestral e arrancou vibrantes e unanimes aplausos.

Seguiu-se, em primeira audição, o VIII «concerto grosso», de Corelli, para orquestra de arcos, três instrumentos «di concertino» e orgão. Escrupuloso como sempre, o maestro Fão não quiz prescindir deste ultimo instrumento, e fez bem, porque a falta de preenchimento do baixo cifrado altera o caracter da musica antiga composta neste estilo. Sem o orgão não se nota uma caracteristica interessante do periodo hibrido da transição do seculo XVII para o seculo XVIII na musica instrumental: a junção na mesma obra dos dois principios opostos, da polifonia e do baixo cifrado.

A interpretação da obra-prima de Corelli foi muito cuidada, distinguindo-se os três «concertinos» srs. Luís Barbosa, Fernando Cabral e João Passos, assim como o habil organista sr. Sampaio Ribeiro que tirou de um simples harmonium o maximo efeito.

Na segunda parte, o poema sinfonico «Primavera», de Glazunoff, a serenata de Moszkowsky e o «Capricho espanhol», de Rimsky, foram, com justiça, aplaudidos e chegamos agora á segunda novidade do programa, que constitue um acontecimento musical: a primeira audição da «suite» n.º 1 extraída do bailado «Daphnis et Chloé», de Maurice Ravel.

A execução da primeira «suite» compõe-se de três numeros: «Nocturno», «Interludio» e «Dança guerreira». Nos dois primeiros, curtos, predomina a maneira impressionista, no terceiro, que ocupa a parte principal da «suite», a côr lembra mais o realismo russo. Não se descubra nestas palavras, sombra de duvida sobre a forte personalidade de Ravel. No tocante a impressionismo póde provar-se com datas, que foi ele, em muitos casos, que influenciou Delbussy, e quanto á influencia russa, ela constitue uma época na historia da linguagem musical. A obra de Ravel é, portanto, de um alto valor, e marca um formidavel avanço sobre a «Rapsodia espanhola» que Lisboa tambem conhece, graças ao maestro Fão. O acolhimento foi frio, mas não se deve o maestro Fão descoroçoar na sua obra educativa.

LUÍS DE FREITAS BRANCO

São Luiz

Assistiu-se no 7.º concerto desta época a um dos mais extraordinarios exitos entre nós alcançados por uma cantora de concerto. A sala estava literalmente cheia. Logo ao terminar a ária do «Noiva do tzar», de Rimsky, a insigne artista Nina Kochitz foi entusiasticamente ovacionada. O segundo numero de canto, a «romanza oriental», tambem de Rimsky, foi bisada por entre aclamações calorosas. Ao terminar o trecho da «Feira de Sarotchinsk», redobraram os aplausos, que obrigaram a dois numeros fóra do programa. Na terceira parte, a «Mulher do soldado», e uma vocalisação de Rachmaninoff, e o celebre «Chef d'armée», de Moussorgsky, levantaram a plateia, seguindo-se interminaveis ovações e quatro numeros em «bis», um dos quais em português, acompanhado ao piano pela propria artista.

Nina Kochitz que é russa, como já se póde ter depreendido do programa e da sua facilidade em falar linguas estrangeiras, possue uma voz que é a aliança rara e encantadora da extensão e do volume com a doçura simpatica do timbre. Diz e articula na perfeição, possue a fundo a tecnica do canto e é musical em tudo o que faz. Com tais predicados não deve causar surpresa o bom acolhimento, tanto mais significativo de apreço, visto que o nosso publico não costuma dispensar o seu entusiasmo á musica vocal em concerto.

O maestro Blanch soube acompanhar, como um verdadeiro musico que é, os trechos para canto e orquestra, alcançando o costumado exito em três das suas mais perfeitas e brilhantes interpretações: a abertura do «Freischütz», de Weber, o terceiro entreacto da «Rosemonde», de Schubert, e as empolgantes «Danças guerreiras do principe Igor», de Borodine.

Nina Kochitz

Noite de intensa arte, grande entusiasmo e suprema elegancia a da proxima quinta-feira no S. Luís, em que a celebre cantora russa Nina Kochitz, a pedido, realiza um unico recital com o notavel pianista russo Luboschitz, apresentando um assombroso programa, cantando obras de Bach, Martini, Respighi, Scriabine, Rimsky Korsakoff, Rachmaninoff, Ravel, Debussy, Fauré, Blas de Luserna, Aguirre, Nina Kochitz e outros compositores.

CRONICA FINANCEIRA

O desequilibrio ORÇAMENTAL CAUSADO pelas dividas de guerra

Estamos na hora do fecho de contas. Administradores e administrados, Estado e pais, riqueza publica e riqueza particular preparam os seus balanços. O do Estado está desta feita entregue a um tecnico. Embora se haja dedicado mais a assuntos economicos do que aos financeiros, o actual titular da pasta das Finanças é, todavia, um professor de orçamentologia no Instituto Superior Tecnico do Porto e, portanto, o seu projecto orçamental não será um improviso de curioso.

Muito naturalmente, esse trabalho é esperado com uma espectativa bem diferente da que têm tido outros anteriores.

Não poderá, evidentemente, o ilustre e competentissimo professor fazer jorrar oiro das negras colunas das contas de um Estado que vive em conhecido regimen deficitario. Nem é isso o que se pede a um ministro de Finanças. O que se exige, e desta vez ha esperanças de se obter, é que o ministro arrume as contas publicas com claresa, para que o Parlamento e o país conheçam da sua verdadeira situação. Se s. ex.ª conseguisse que dos outros ministerios as despezas viessem já ali nhadas com um criterio de severa economia, em demanda de um equilibrio orçamental, bem facil seria a tarefa do sr. ministro das Finanças.

Desconhecemos o que se terá feito nesse sentido, ignorando se se repetiu aquela salutar recomendação do sr. Caillaux aos seus colegas de gabinete: «Não recebo propostas orçamentaes de nenhum dos ministerios que traga saldo negativo». Essa recomendação não bastou, porque os encargos da divida de guerra desequilibraram, como se sabe, o orçamento da França.

Não é preciso ser profeta para prever que outro tanto nos sucederá a nós.

Agora o que nem profetas serão capazes de prever é as condições que leva para Londres a delegação portuguesa que tem de avistar-se com os delegados do Tesouro britanico, para condicionar o pagamento da nossa divida de guerra. E' um segredo que o governo mantém com uma perfeição igual ao erro que é ocultar do país as linhas gerais de tão melindroso assunto.

E' mais uma carateristica original da politica portuguesa sermos o unico povo que desconhece a marcha das negociações para o pagamento da divida de guerra, o unico parlamento que se sujeita a que o governo nem o ouça, nem dele se faça ouvir nesta materia. E com tão cordial, docil e unanime atitude de todos os lados da Camara, ainda haverá quem diga que o Parlamento tem representações oposicionistas?

Enfim, aguardemos a proposta orçamental do sr. ministro das Finanças. E' de supôr que s. ex.ª não adopte o condenado sistema dos dois orçamentos, ordinario e extraordinario, e que não deixe de incluir nos encargos do Tesouro os que hão de trazer nos, neste ano economico, a amortização da divida de guerra.

Desde que a declaração ministerial anunciou ter chegado a hora de termos de pensar no pagamento dessa divida, não é crivel que o orçamento omita esse encargo.

Pelo que respeita á riqueza particular, lá para o fim do decorrente trimestre começar se-ha a saber que tal foi o ano findo. Não queremos parecer pessimistas, que não somos. Mas ninguem faz milagres. O capital deve, portanto, ir-se dispondo para reconhecer que a hora da grande movimentação passou. E é, talvez, chegado tambem o momento de todos irem reconhecendo que precisando o desenvolvimento do país de chamar capitais, ele não acudirá, facilmente, emquanto lhe oferecerem uma colocação sob a contingente forma de acções.

Na fase, que passou, de um grande volume de negocios, o capital não discutia a forma por que o interessavam. Agora, a massa dos negocios é muito menor, a remuneração a esperar inferior ao que foi nestes ultimos anos, e o capital ha de, com certeza, preferir á contingencia do dividendo, por acção, a posição assegurada de obrigacionista.

Prevemos, e supômos não nos enganar, que a obrigação voltará a ser a forma de desviar doutros empregos de capitais a venda fixa, o bilhete de tesouro, etc., o numerario que a economia do país vai precisando.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Berta Ortigão Ramos, D. Maria Perestrelo de Albuquerque d'Orey, D. Piedade de Lemos Macedo Santos, D. Adelaide de Almeida Garrett Guimarães, D. Maria Tereza Pressler Pinheiro Chagas, D. Georgina Arroyo Vaz, D. Ana Zarco da Camara do Vale, D. Francisca Fernanda de Barros e Vasconcelos e D. Ana Cunha Leal Fernandes Costa.

E os senhores:

Aires de Sousa Ramos Arnaud, general João Ricardo Miranda de Macedo e Brito, Amadeu Cayola Bastos, Anibal de Morais, Honorato de Melo Lobo da Silveira Sepulveda, Henrique Cristovam de Paiva Faria Tavora e Sernache (Campo Belo), Eduardo Ulrich de Maia Cardoso, Bernardo Perry Vidal de Castro Sá Nogueira, Miguel de Sotto Mayor e Avila, Carlos Bandeira de Melo, Antonio Casaleiro Tavares e Henrique de Melo e Barros.

A caridade

Nas Belas Artes

No domingo magro, realiza-se no «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, á rua Barata Salgueiro, uma interessante «matinée» infantil dançante, de caridade, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, a favor de varias obras de beneficencia.

Num dos proximos numeros nos referiremos mais detalhadamente a esta encantadora festa de caridade, que vai marcar mais uma pagina a letras de ouro nos anais mundanos.

Casamentos

Com extraordinaria imponencia realizou-se ontem na paroquial igreja do Coração de Jesus a Santa Marta, o casamento da sr.ª D. Alice Guedes de Andrade, gentil filha da sr.ª D. Luzia da Natividade Gomes de Andrade e do major sr. Anibal Guedes de Andrade, já falecido, com o sr. Jorge da Fonseca, filho da sr.ª D. Deolinda da Fonseca e do sr. dr. Alvaro da Fonseca, já falecidos, tendo servido de madrinhas a mãe da noiva e a cunhada do noivo sr.ª D. Irene Moreira Rato da Fonseca, e de padrinhos os irmãos dos noivos srs. Manuel Gomes Madeira Guedes de Andrade e Alvaro da Fonseca.

Terminada a cerimenia religiosa que foi celebrada pelo prior da freguezia, reverendo dr. Ribeiro Cabral, que no fim da missa fez uma brilhante alocução, foi servido na elegante residencia da mãe da noiva á Praça Marquês de Pombal, um finissimo «lunch» da «Garrett», partindo depois os noivos para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Na «corbeille», que se encontrava numa das salas da residencia, via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

Pontos de reunião

Gimnasio

Ficou transferida para a noite de amanhã a primeira representação em portugués da engraçada comedia «A Tia Andresa», um dos maiores exitos dos teatros do visinho reino, na qual reaparece o brilhante actor comico sr. Silvestre Alegrim, estando os restantes papeis a cargo dos principais artistas da magnifica companhia que ali funciona sob a direcção do distinto actor Gil Ferreira. A noite de amanhã no Gimnasio, vai decerto ser elegantemente concorrida.

No Politeama

Amanhã, primeira recita da moda em que se representa a magnifica peça «A Tentação», na qual os artistas sr.ª D. Amelia Rey Colaço, Alexandre de Azevedo e Robles Monteiro, têm belos trabalhos.

A noite da moda de amanhã, no Politeama, será decerto um ponto de reunião mundana.

Em viagem

Regressou da sua viagem a Africa, com sua esposa a sr.ª D. Antonia Cardoso e Silva de Noronha Porto, o sr. D. Luís Simão de Noronha Porto.

—A bordo do paquete «Moçambique» partiu esta tarde para a Africa Ocidental, o sr. Boaventura Pais Mamede.

—De Evora regressou o sr. José Joaquim Correia Monteiro.

Leia a revista BROTERIA. Pedidos a J. S. Tavares, Caminha.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES
Monitor da clinica de Necker—Paris
RINS e vias urinarias. Venereologia e sifilis
T. N. de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 5205-N

PEQUENAS INTIMIDADES

ELEGANCIAS

Não ha hoje mulher verdadeiramente elegante que não ponha no seu vestuario intimo o mesmo ou maior cuidado que nas suas «toilettes» exteriores. Efectivamente assim deve ser, porque a elegantissima «parure» é o complemento indispensavel duma rigorosa «toilette».

Elegancia no córte, e simplicidade nas guarnições é o que hoje seduz a mulher idealmente «chic». Já vai longe o tempo em que nenhuma importancia se ligava a estes acessorios, tão importantes para a Eva moderna.

* * *

Os Grandes Armazens do Chiado, poderiam ganhar o «grand prix» nesta especie de trabalho. A elegancia e o esmero com que a roupa interior é feita nesta casa, satisfazem a mais caprichosa exigencia. Cada peça é uma pequena maravilha de graça e encanto!

Os tecidos que a moda prefere, são todos os que pela sua leveza possam dar a este genero de vestuario um encanto subtil: desde o fino «pongé» de algodão ao rico e vaporoso crépe da China.

Como mais praticos e resistentes o opal, o fino linho, etc.

A delicadeza dos bordados de minusculos desenhos e a suavidade de tons, combinam-se admiravelmente com os finissimos tecidos empregados.

Só pessoal com longos anos de pratica, sob uma direcção inteligente e vigilante, como existe nestes importantes Armazens, póde realizar com tanta perfeição um trabalho que requer mais arte e bom gosto do que a mais complicada «toilette»!

Quantas vezes folheamos catalogos, percorremos casas de novidades, sem sabermos o que escolher para uma pessoa amiga? Porque não se lhe oferece uma daquelas interessantes «parures» ou uma elegantissima camisa de noite, coisas tão apreciadas por uma mulher, em vez de um «bibelot» inutil ou uma futilidade qualquer? Uma lembrança pratica, de que sempre se tira utilidade e que nos evite despezas exageradas, pois que, os Grandes Armazens do Chiado têm uns preços muito moderados, será o mais belo presente e o melhor recebido.

O util é sempre agradavel.

CARTAZ

TEATROS

S. Carlos=A's 21,15=«Os homens de hoje».
Apolo=A's 21,15=«A Taberna».
Politeama=A's 21,15=«A Tentação».
Avenida=A's 21,15=«O Pão de Ló».
Eden-Teatro=A's 20,30 e 22,45=«Fungágá».
Maria Vitoria=A's 20,30 e 22,30=«Foot ball».
Salão Foz=A's 15 e 21=«Pirolito».
Coliseu dos Recreios=A's 21=Companhia de circo.
Salão Alhambra=A's 21=Variedades.

Teatro São Luiz
Empresa A. Ramos Lt.ª
Depois d'ámanhã, quinta-feira, ás 9 horas e meia da noite
Unico recital da celebre cantora russa Nina Kochitz e do notavel pianista Luboschitz
NINA KOCHITZ cantará obras de Bach, Martini, Respighi, Scriabine, Rimsky-Korsakoff, Rachmaninoff, Debussy, Ravel, Fauré, Blas de Luserna, Aguirre, Nina Kochitz e outros compositores.—Pelo pianista LUBOSCHITZ, obras de Chopin, Liszt, Liadoff, Moussorgsky, etc.
BILHETES A' VENDA

OS MELHORES ALMOÇOS DE LISBOA
Das 12 ás 14 horas — Preço 10$00 escudos
«CHIC»
Praça dos Restauradores, 20—LISBOA
Das 23 ás 2 h., magnifica canja de galinha

Ayala Monteiro
ADVOGADO
Das 11 ás 12 e das 4 ás 5
Rua dos Douradores, 72, 3.º

Dr. Medeiros d'Almeida
Cirurgião dos hospitais
Doenças dos olhos — Cirurgia
Consultorio: Av. Liberdade 121 1.º - ás 3 h.-Telef. 908 N
Policlinica: L. Conde Barão, 12, 2.º-ás 5 h.-Tele 1902- C

A's Senhoras
Capsulinas, para tratamentos varios, uso mia, etc., sistema estrangeiro
Calcada da Estrela, 13, 1.º Esquerda

ARTE PORTUGUEZA

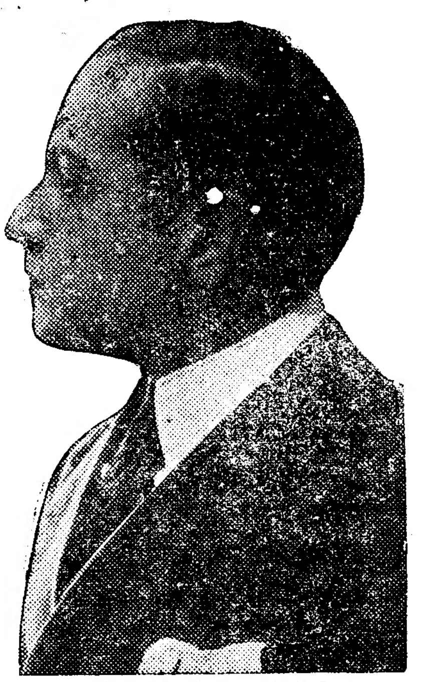
José Alves da Cunha

o glorioso interprete de "A Taberna,,

é incontestavelmente

o artista maximo

dos grandes lances dramaticos



JOSÉ ALVES DA CUNHA

ADELINA ABRANCHES

Tem o *Diario de Lisboa* consagrado, quasi sempre, esta pagina ás grandes manifestações da Arte e da Literatura, ás figuras profundamente marcantes da nossa terra, a todos, enfim, que pelo seu trabalho, pelo seu esforço e pela sua inteligencia merecem este logar de honra. E' aqui, nestas colunas, que dois moços de talento, os meus ilustres colegas Norberto de Araujo e Artur Portela, todas as semanas, no seu estilo brilhante e na sua forma bizarra e firme, conversam serenamente, de sorriso nos labios, a alma quieta e o coração tranquilo, com os leitores do *Diario de Lisboa*. O primeiro, vigoroso, ardente, apaixonado, dedilha, porvezes, as cordas suaves do seu bandolim de troveiro medieval, deixando hoje cair uma lagrima, amanhã repicando o sino da alegria e dos grandes noivados solemnes. O segundo escreve de teatro, e, esquecendo, acertadamente, que nesta pagina ele não é, não pode ser, aquele critico severo e, por vezes, duro e impetuoso das peças que se representam, a sua maneira é mais circunspecta, mais pautada, porque se vê, se adivinha, que ele pretende que as suas paginas marquem e definam a epoca teatral que decorre. E assim se explica o seu gesto—o gesto de ambos—estendendo as suas mãos, limpidamente, sinceramente, áqueles a quem a sua arte acorrenta, escravos dela, tão necessitados, por vezes, de carinhos, de incentivos e de apoio.

As minhas primeiras palavras deste artigo quero eu que signifiquem, não só o meu aplauso á atitude nobre e alevantada dos meus camaradas, mas tambem o meu abraço enternecido e leal de agradecimento e de gratidão pelos outros—os artistas dramaticos portugueses.

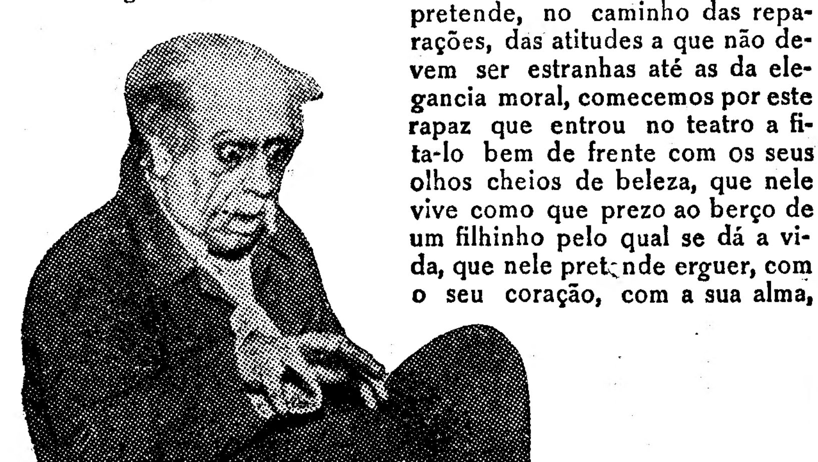
E' inspirado nesta união de valores, que representa a concordancia de Artur Portela com Norberto de Araujo, que eu que, como eles, tenho por vezes, em assuntos destes, sido tambem impetuoso, embora nunca injusto, pretendo prestar justiça á figura grandiosa—e para que não dizer enorme?—de um actor, que é nosso, que nos pertence, que é, nesta hora de desalentos, a nossa esperança, quiçá o nome glorioso que ha de esculpir-se um dia, com ternura, na nossa saudade. José Alves da Cunha não é apenas o artista vigoroso das scenas fortes e emocionantes, dos lances tragicos e das duras passagens dos dramas intensos; ele é, egualmente, o prototipo ainda da nossa raça, nessa compleição robusta de homem de rija tempera, que alia a uma cerebração invulgar, digna de um estudo scientifico, um talento que se lhe solta do espirito em vagalhões de verdade e de precisão, em torrentes de impetuosidade e de grandeza, que esmagam quem o sente, ou que pretende estudá-los e compreendê-los. E, todavia, este temperamento superior de artista nem sempre teve a ampará-lo, através do ruido das gazetas, pela pena dos homens que escrevem sôbre teatro e do teatro, aquela firmeza de pulso que obriga a pena a traçar palavras que o publico adivinha como sinceras, ou que o induzem a acreditar no autentico valor daquele a quem são dirigidas.

Não quiz eu faze-lo primeiro que os outros, visto que alguns, pouquissimos, o teem afirmado com exuberancia. Mas os artigos dos meus dois colegas deram-me a coragem que eu sentia, mas que a minha modestia entravava. A ter-se, pois, de entrar, como se pretende, no caminho das reparações, das atitudes a que não devem ser estranhas até as da elegancia moral, comecemos por este rapaz que entrou no teatro a fita-lo bem de frente com os seus olhos cheios de beleza, que nele vive como que prezo ao berço de um filhinho pelo qual se dá a vida, que nele pretende erguer, com o seu coração, com a sua alma, com a sua sinceridade, um altar onde todos nós tenhamos de ir rezar.

Afirme-se, portanto—como eu o afirmo lealmente — sem medo de subir demasiado na opinião e no conceito, sem aquele pavôr de que tanto se arreceiam muitos dos homens de letras que medem as suas palavras de louvor, dando largas ás da critica causticante e feroz, que José Alves da Cunha é, insofismavelmente, um grande artista, um actor perfeitissimo em toda a parte, para ser amanhã, muito breve, uma autentica notabilidade. Comecemos a vé-lo assim, demos-lhe o nosso aplauso, abramos-lhe de par em par o nosso peito, aconcheguemos-lhe a sua vida com a verdade do nosso sentimento, encaminhemo-lo, com a nossa ternura, para a estrada ampla e clara que conduz á gloria e teremos praticado um gesto que nos honra e prestado um grande serviço, não só a ele, mas, principalmente, ao teatro portuguez. José Alves da Cunha, para que o compreendessemos, buscou para seu lado, para lhe iluminar o caminho, uma estrela de luz radiosa e pura — Adelina Abranches; uma companheira que o ampara e fortalece — Berta de Bivar. Eu, o mais humilde dos seus admiradores, fui encontrar, nas palavras de Norberto de Araujo e de Artur Portela, para o exalçar, a camaradagem e a lealdade que, de ha muito, andava, procurando em vão.

Nobre Martins.

BERTA DE BIVAR



José Alves da Cunha

numa das principais scenas de A Taberna

Revista Brotéria

SÉRIE MENSAL "Fé-Sciencias-Letras,,

A Revista Brotéria, remodelada no começo de 1925, é redigida por escritores abalisados: a parte grafica ou material, incluindo as ilustrações, executa-se com muito esmero; desta forma, a Revista, pelo bem escrito dos artigos e pela variedade e interesse dos assuntos, bem como pela perfeição tipografica, é uma das primeiras revistas portuguesas. Como indica o subtitulo, «Fé-Sciencias-Letras», está dividida em três grandes secções — sciencias praticas, literatura e religião — e por esta fórma oferece leitura amena e indispensavel a todos os espiritos ilustrados, qualquer que seja a sua predilecção com respeito aos estudos scientificos, literarios ou religiosos. A Revista é mensal, contando cada fasciculo 48 paginas, ao menos, de texto. A assinatura anual custa 50$00, pagaveis em duas prestações de 25$00 cada uma a J. S. Tavares (Caminha), ao qual se devem pedir as novas assinaturas.

Dentes brancos, Boca limpa, Halito puro?
Sim, usando a
PASTA ORIENTAL
A' venda em todo o País
Lopes, Sobrinho, L.da—Porto
AGENCIA EM LISBOA
Rua do Crucifixo, 31, 3. —Telefone C. 2629

A Cidade

Hotel Restaurant "Bela Vista"
(Antigo Paris)
Almoços 8$00 e 10$00 – Jantares 10$00 e 12$00
Pratos diversos á escolha
R. S. Pedro de Alcantara, 51 a 55
Tel. 3586 N.
Ha quartos vagos

Chá das cinco

Azas

E' um jardim tocado de melancolias. Um jardim fechado, onde as estatuas coroadas são palidas e tristes, virgens da neve, e as rosas caem de invisiveis braçadas, como beijos lentos e misteriosos. Nunca ninguem andou, nem amou neste jardim, que é calmo de encanto como uma alma recolhida, nùma dôr extatica, profunda e inviolavel. Numa primavera, ha muito tempo, quando o sol era ainda claro e tinha perfumes doirados —uma aza andou brincando sobre as estatuas e logo outra, indecisa e tonta de amor, a perseguiu. Não sei se essas azas morreram, como morrem certos corações, que viajam na vida, exilados e sombrios. Talvez tivessem construido um ninho, talvez se tivessem crucificado, na ramaria mais alta, olhandò o sol que não se atinge nem sonhando, nem sofrendo.

E, se assim foi, que alegria viva elas não cantaram, som de oiro e de cristal pelo espaço; soluço despedaçado de violino; cantico de vento que o vento levou ao mar; saudade que agonisa na ferida rubra dos martirios;—amor para todas as distancias, que ou é adeus no lenço branco da despedida ou latina que o Atlantico leva para nunca mais voltar! Azas que na vida emigraram da vida e ficam com ela, junto dela, ao pé dela, como se está ao pé da mulher amada, rezando sobre o seu sorriso.

Sorriso de crime e de desespero que nos leva tão longe que já não ha regresso que nos salve, nem caminho perdoado de sombras e de esquecimentos.

Artur Portela

Revista e variedades

Realiza-se hoje no teatro Salão Foz, a 71.ª representação da espirituosa revista *Pirolito*, que prossegue na sua carreira triunfal.

Continuam tambem a provocar sucessivas enchentes as *matinées* de arte, em que, pela companhia que tem como *estrela* Maria de Lourdes Cabral, são feitos numerosos e lindos numeros de variedades.

CAMBIO OFICIAL

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	—	95$00
*/Madrid	—	2$79
*/Paris	—	$75
*/Suiça	—	3$79
*/Bruxelas	—	$89
*/Nova-York	—	19$60
* Amsterdam	—	7$89
*/Italia	—	$79,5
*/Brasil	—	2$90
*/Praga	—	$58,5
*/Suecia	—	5$26
* Austria	—	2$78
*/Berlim	—	4$63
Libra esterlina	100$00	106$00

BOLSA

Preços efectuados a contado

Obrigações Externas, 1.ª serie	530$00
» » 1|2 0|0 1923	500$00
Acções do Banco de Portugal	750$00
» do Banco Lisboa & Açôres	594$00
» da Companhia de Seguros Sagres	—
» da Companhia Tabacos de Portugal	897$50
» da Companhia Port. de Fosforos	—
» das C.ias Reun. Gaz e Electricidade	82$00
» da Companhia do Amboim	—
» da Companhia Colonial do Buzi	—

A pelicula Gevaert permite fazer boas fotografias durante o inverno.
Garcez L.da—Chiado-Lisboa

UM TERRIVEL DESASTRE

Cahiu

um "Avro" no campo de Alverca

morrendo os aviadores capitão Castro e Silva e tenente Artur de Brito

Na nossa pista internacional de Alverca, deu-se hoje um terrivel desastre que vitimou dois distintos oficiais da nossa Aviação.

Logo que a noticia foi conhecida em Lisboa, acorreram ao Hospital de São José e á Inspecção da Aeronautica Militar quasi todos os nossos aviadores e muitos populares que apresentaram as suas condolencias ao sr. general Luís Domingues.

* * *

Reconstituamos a tragedia:

O tenente-aviador Artur Pedro Ferreira de Brito que, pela «Ordem do Exercito» ontem publicada, fôra nomeado adjunto da Inspecção da Aeronautica Militar e que era ajudante do general Domingues, era piloto de «Caudron», pela Escola de Sintra, e decidira agora passar para os «Avro».

Assim, já ha cerca duma semana que frequentava, todas as manhãs o campo de Alverca, estando a receber instrução do capitão Aurelio Julio Botelho de Castro e Silva, sub-director do Parque de Material Aeronautico.

Hoje, havia muito vento. Mas isso não impediu que se realisassem diversos vôos.

Encontravam-se no campo numerosos aviadores, tendo o tenente Celestino Pais Ramos dado instrução de «Breguet» a três oficiais.

O comandante do Parque, capitão-aviador Luís da Cunha e Almeida, por volta das dez e meia, disse ao capitão Castro e Silva:

—Você hoje não vôe, porque está mau tempo...

Respondeu-lhe:

—Não faz mal. E demais a mais o Brito veiu cá. Damos umas voltinhas, para ele não ficar triste...

E, «blagueando», foi para o ar, num «Avro»—o 28—com motor «Rhône» de 80 cavalos.

* * *

O tenente Brito ía atráz, a pilotar.

Fizeram três aterragens normais. E em seguida, o capitão Castro e Silva esteve dando ao tenente Brito algumas indicações, depois do que o «Avro 28» levantou novamente vôo.

Eram 11,20.

O avião subiu em direcção ao rio. E, quando já estava perto da agua, a 30 metros de altura, o motor parou, devido a uma «panne».

O piloto tentou virar rapidamente e aterrar, mas o aparelho «glissou», vindo «afocinhar» a algumas dezenas de metros dos «hangares».

Todos os aviadores que estavam no campo correram para o avião que era já um simples montão de destroços, no meio dos quais o tenente Brito agonisava e o capitão Castro e Silva gemia, gravemente ferido.

Conduzidos á séde do comando, e prestados os primeiros socorros medicos, o tenente Brito expirava pouco depois, parece que devido a lesões internas.

No comboio do meio-dia vieram para Lisboa o capitão Castro e Silva e o corpo do tenente Brito.

Em Entre-Campos, aguardava-os uma ambulancia que conduziu o ferido ao Hospital de S. José, onde o sr. dr. Sabino da Costa o entregou aos cuidados dos srs. drs. Amandio Pinto e Henrique Bastos, filho.

Entretanto, o corpo do desditoso tenente era conduzido á Inspecção de Aeronautica Militar, onde se conservará até ao funeral, sendo depois depositado em jazigo de familia.

* * *

O capitão Castro e Silva sofreu terriveis ferimentos em todo o corpo, apresentando grandes brechas na cabeça e nas pernas, e devendo ter graves lesões internas.

* * *

O tenente Artur Pedro Ferreira de Brito que deixa viuva a sr.ª D. Henriqueta Augusta Pinheiro Larcher, irmã do tenente-aviador Larcher, e dois filhinhos — Julio e Eduardo Julio — era filho do sr. Eduardo Augusto de Brito (já falecido) e da sr.ª D. Maria da Conceição Ferreira de Brito e contava 36 anos incompletos.

Alistado como voluntario, em infantaria 5 em 1908, esteve no Exercito até 1912, licenceando-se até 1916 — data em que voltou á tropa, sendo promovido a alferes um ano depois.

Fez parte do C. E. P., tendo tirado o «brevet» de piloto em Inglaterra, em Novembro de 1917.

Em 1919, ingressou no Grupo de Esquadrilhas de Aviação «Republica», tendo tomado parte nos estudos de exercicios combinados de Artilharia e Aviação.

Em 1923, foi considerado piloto de «Caudron».

Possuía muitas condecorações e louvores, devendo destacar-se a comemorativa da campanha de França, a da Vitoria, a de bons serviços, a Cruz de Guerra de 1.ª classe, a militar de prata e a Ordem de Christo.

O grau de cavaleiro desta Ordem foi-lhe dado «pelas grandes qualidades de coragem, valentia e abnegação que demonstrou nos arduos serviços que prestou nas esquadrilhas aliadas, merecendo sempre as mais honrosas referencias das autoridades militares estrangeiras, e prestando assim relevantes serviços á causa dos aliados».

Um dos louvores foi-lhe dado pela maneira dedicada como colaborou na viagem aerea Lisboa-Macau que, como todos estão lembrados, foi feita, graças á dedicação dos aviadores e ao dinheiro do povo.

* * *

Pouco antes das quatro horas, faleceu no Banco do Hospital de São José, o capitão Castro e Silva.

O corpo do desditoso aviador será tambem transportado hoje para a Inspecção da Aeronautica Militar.

O malogrado oficial tirara o seu «brevet» em França com Paiva Simões, tendo sempre merecido, como este antigo aviador, os maiores louvores não só como piloto mas tambem como acrobata, e sendo largamente condecorado.

Logo que houve conhecimento do desastre, foi a noticia telegrafada para o capitão Castro e Silva, de cavalaria 6, irmão do infeliz oficial que era solteiro.

TAPETES DE BEIRIZ
Recomendam-se pela sua origem, preço e gosto.
Grande sortido no deposito da
RUA IVENS, 30 Telefone C. 4194

Pelos teatros

«A tia Andreza»

E' amanhã que sobe á scena no teatro do Ginasio a peça espanhola «A tia Andreza», para reaparição do actor Silvestre Alegrim.

Além deste actor e do empresario Gil Ferreira, a companhia daquele teatro compõe-se actualmente dos seguintes elementos:

Palmira Bastos, Barbara Wolckart, Antonia Mendes, Regina Montenegro, Alda Aguiar, Ofelia Brochado, Raquel Moreira, Mercedes de Almeida, Dina Pereira, Judite Maggioly, Maria Manuela, Dolores Rodrigues, Henrique de Albuquerque, Tarquinio Vieira, Vital dos Santos, Matos Reis, Rafael Alves, José Moreira, Miguel Pereira, Manuel Franco, Antonio Mouchet, Barroso Lopes, Carlos Shore, José Oliveira, Antonio Andrade e Garcia Ruas.

Uma récita de arte

No teatro de São Carlos, realiza-se no dia 22 uma récita de arte que está destinada a um enorme exito pelos elementos que constituem o respectivo programa.

O escritor André Brun dirá uma conferencia intitulada «Os Manequins».

Serão representadas as seguintes peças: «Leitura e escrita», por D. Leonor Faria, cujo afastamento da scena é grandemente sentido pelo publico e que toma parte nesta récita obsequiosamente, e Lucinda Simões; «Sapatinho de setim», por Lucilia Simões e Amelia Pereira; e «Manhã de Sol», por Lucinda Simões, Lucilia Simões, Erico Braga e Joaquim Almada.

O teatro de São Carlos vai, pois, registar e muito justificadamente, uma nova enchente na noite de 22.

Atrás do reposteiro

Amelia Rey Colaço intrepertará na peça «A outra honra», de Jacinto Benavente, que ha dias se encontra em ensaios no teatro do Politeama, o papel criado em Madrid por Lola Membrines.

—Anuncia-se para breve a reabertura do teatro Nacional, estando aplanadas todas as dificuldades que surgiram para o seu funcionamento ainda esta epoca e a cujos trabalhos não foi estranha a intervenção da comissão nomeada pelo Gremio dos Artistas, aceite com a maior boa vontade pelo actual ministro da Instrução e a inspecção geral dos teatros.

—O escritor Ernesto Rodrigues, cujo estado de saude o tinha afastado dos seus trabalhos, nos ultimos tempos, está sendo tratado pelo nosso amigo sr. dr. Albino Pacheco, encontrando-se bastante melhor.

—Consta que a actriz Lina Demoel, primeira figura da companhia do Maria Vitoria, recebeu uma vantajosa proposta para ingressar numa companhia de comedia, onde ocupará um lugar concernente á sua categoria.

—Seguiu hoje para Johannesbourg, onde vai dar uma serie de concertos pelos nossos teatros de Africa de Sul, o septimino composto dos artistas Raul de Oliveira, primeiro violino; João Jorge, segundo violino; Rafael Sauwiceas, violoncelo; Rogerio Torres, viola; Luis Cruz, contra baixo; Mario Melo; orgão, e Antonio Melo, piano.

—A companhia Armando de Vasconcelos realisou ontem, no teatro Sá da Bandeira, do Porto, a 2.ª recita de assinatura com a opereta «Benamor», com Alice Pancada na protagonista.

—A revista que o teatro Salão Foz levará nas noites de Carnaval, é dos autores do «Pirolito» e intitula-se: «Tu não sabes que esse facto seria o suficiente para eu te estrangular?...»

—O publico da segunda sessão ontem, no Teatro Maria Vitoria, protestou ruidosamente contra a supressão, de um numero do «Foot-Ball» o «Jorcas», determinada pelas autoridades, que impuzeram o corte de algumas alusões politicas do mesmo. O actor Santos Carvalho, explicando o caso, pôs termo ao incidente.

—O actor-ensaiador José Climaco tomou hoje posse do cargo de director de scena e ensaiador do Eden-Teatro.

—A actriz Georgina Cordeiro, que actualmente se encontra em Lourenço Marques, fez a sua festa artistica no Teatro Varietés com a opereta «Casta Suzana». Na noite da recita foi muito brindada, a ponto de ter o camarim completamente cheio de presentes, o que fez com que Georgina Cordeiro se fosse vestir para outro camarim. Entre os presentes figurava um pequeno estojo contendo 23 libras em ouro.

—Volta hoje á scena no teatro S. Carlos a comedia «Os homens de hoje».

—Pensa-se na organização do «Baile das Vedetas», á semelhança do que se faz em Paris, e que se realizará no proximo Carnaval.

—Estreia-se hoje no Teatro Rosa Damasceno, em Santarem, a Companhia Maria Matos-Nascimento Fernandes, que dali segue para Evora e Setubal.

TEATRO SÃO LUIZ TELEF. C-224
Depois de amanhã—ás 9 e meia
UNICO RECITAL
da celebre cantora russa NINA KOCHITZ e do notavel pianista Luboschitz

A Cidade

TIVOLI TELEF. N. 5474
HOJE, ás 8-45
Alma da Artista
O SAUDOSO EXTINCTO
Uma panoramica—Uma revista de elegancias—Uma cine farça

O CASO DO BANCO ANGOLA E METROPOLE

O deputado Nuno Simões

que hoje chegou a Lisboa sob prisão

DISSE ao Diario de Lisbôa:

"Deixemos passar a onda, que a onda ha de passar,,

No sabado começaram de correr em Lisboa boatos de que ia ser detido, por virtude do caso do Banco de Angola e Metropole, o ex-ministro do Comercio sr. dr. Nuno Simões.

Esses boatos tiveram ontem a sua confirmação oficial nas palavras proferidas pelo juiz investigador, que declarou ser inteiramente verdade haver mandado deter o referido homem publico. Durante o dia, no Parlamento, e á noite nas redacções dos jornais, procurou-se afanosamente saber o que de verdade havia a tal respeito. Ao «rapido» do Porto, chegado cerca da meia noite, foram mesmo bastantes pessoas, desconfiando de aquele senhor fosse nele trazido para a capital. Tal não sucedeu, porém. Mas logo se soube que o sr. dr. Nuno Simões chegaria hoje a Lisboa, no comboio correio, devendo acompanhá-lo os dois agentes de investigação idos, propositadamente, ao norte a fim de lhe comunicarem os desejos manifestados pelo sr. dr. Alves Ferreira.

* * *

Os dois agentes referidos, Paulitos e Robalo, sairam daqui na sexta-feira da passada semana. Dirigiram-se a Famalicão, onde colheram noticias da pessoa que procuravam. O sr. dr. Nuno Simões, acompanhado por amigos, encontrava-se, ha dias, em casa do sr. dr. Nicolau Mesquita, em Chaves. Voltaram os agentes ao Porto, onde tomaram no domingo, e por só nesse dia o poderem fazer, o comboio que os conduziu áquela terra transmontana. Lá chegaram ás seis da tarde. E imediatamente o agente Paulitos comunicou ao sr. dr. Nuno Simões o convite que lhe dirigia o juiz investigador, pondo-se á sua disposição. Foi para o hotel. E passadas poucas horas recebia a indicação do antigo ministro do Comercio de que aceitava o convite, desejando apenas passar por Famalicão, onde sua mãe, possivelmente, estaria inquieta por virtude dos boatos que corriam. Assente que assim seria, o sr. dr. Nuno Simões foi á sua terra de automovel, seguindo de automovel tambem para Campanhã, onde chegou ontem á noite.

Acompanhavam-no dois amigos dedicadissimos: o dr. Nicolau de Mesquita Junior, governador civil de Vila Real, e o sr. João de Faria. Eram aguardados na estação pelos agentes. E tendo todos tomado logares em compartimentos de primeira classe, seguiram para Lisboa.

* * *

Hoje de manhã, em Campolide, apenas os jornalistas. O comboio chegou com cerca de um quarto de hora de atraso.

Precipitaram-se todos para a carruagem onde viajava o sr. dr. Nuno Simões. Ele recebeu-os com a sua costumada amabilidade:

—Saudo a imprensa. Sim senhores. Madrugaram.

—Um dos «reporters» tentou interroga-lo:

—Como foi preso?

—Mas eu ignoro que venho preso. Fui convidado pelo sr. dr. Alves Ferreira a ir falar com ele. Vim imediatamente. Prisão, não me consta.

—A ida dos agentes?

—Foram para me prevenir dos desejos do juiz investigador. Como esses desejos estão atisfeitos...

E a conversa foi cortada pelo anuncio de partida. Até ao Rocio foram dez minutos de anciedade para a gente dos jornais.

O sr. dr. Nuno Simões não apresentava o mais ligeiro sintoma de abatimento. Vinha bem disposto, e não perdera, com o desenrolar dos acontecimentos, uma só das suas qualidades de tratar com jornalistas.

Ao apear-se na «gare», estes insistiram, novamente. Tentaram-se entrevistas. Procurou-se colher uma opinião, ao menos uma impressão sobre os sucessos que se têm desenrolado nas ultimas horas.

—Falar? para quê? Não. Não posso e não devo falar. Neste momento, eu não tenho nada a dizer para o publico. Aguardo, com serenidade, os acontecimentos.

E não foi possivel arrancar-lhe mais uma palavra, sequer, a proposito da sua detenção.

* * *

Lá fóra, no largo, dois automoveis, dois taxis.

Num tomaram logar os srs. dr. Nuno Simões, dr. Nicolau de Mesquita Junior, João Faria e o deputado por Chaves sr. Guilhermino Nunes, que á estação havia ido esperar o seu amigo. No outro os agentes da investigação. Rodaram ambos até á Praça dos Restauradores. O carro que conduzia os agentes passou junto do outro. Houve uma ordem rapida, ligeirissima.

E seguiram para o Governo Civil, onde o sr. dr. Nuno Simões, com os seus amigos, dava entrada ás 8 e 30.

O antigo ministro do Comercio, colocado á disposição da autoridade, ficou aguardando que lhe dessem destino no gabinete do director da Policia de Investigação Criminal.

* * *

O agente Robalo, por não se saber que destino havia de dar-se ao ex ministro — não fôra redigido qualquer mandado de captura — saiu em automovel em busca de ordens, só voltando uma hora depois com o chefe Pereira dos Santos, ainda extremunhado do somno.

Entretanto, o jornalista foi aproveitando a maré favoravel da conversa, procurando desfazer a teimosa disposição de silencio do recemvindo.

Começou a entrevista por um dos circumstantes, o deputado sr. dr. Guilhermino Nunes, amigo verdadeiro do sr. dr. Nuno Simões e uma das muitas pessoas que acorreram á estação do Rocio a cumprimentá-lo á chegada.

E' este parlamentar quem informa, a pôr, sorridente, o seu protesto:

—Mas para quê este aparato policial que leva a tratar como criminoso um homem que desde a primeira hora se colocou expontaneamente á disposição das autoridades, por isso mesmo que a ele, mais que a ninguem, convem que a verdade e a justiça triunfem?

E foi contando:

—O sr. Pinto de Magalhães, quando, ha cêrca de um mês, entendeu que o dr. Nuno Simões podia prestar-lhe esclarecimentos uteis, escreveu-lhe para Famalicão, onde o levára o falecimento recente do pai, e nada mais foi preciso. Nuno Simões, não obstante o doloroso transe por que estava passando nesse momento, veiu imediatamente a Lisboa e imediatamente se apresentou ao juiz instrutor. Depois...

—Voltou para Famalicão ..

—Voltou; mas tendo garantido antecipadamente ao magistrado que ficava ao seu dispôr onde quer que se encontrasse. Mais: prometendo até que, tencionando passar, como é seu habito, o dia primeiro do ano em Chaves, que não se deslocaria de Famalicão sem prevenir.

—Preveniu?

—Sim, senhor. Preveniu. Cumpriu, como cumpre sempre, a sua palavra. Quando saiu da sua terra natal para Chaves escreveu ao sr. dr. Pinto de Magalhães, na sua qualidade de juiz instrutor do processo, a comunicar-lhe a partida e a reiterar-lhe a promessa feita, e mantida atravez de tudo, de ficar naquela vila á sua inteira disposição. Para quê, então, este espalhafato, com policias a espreitar-lhe as pisadas de terra em terra? com boatos misteriosos nos jornais? com precauções segredadas de captura, para dar ao publico a mentirosa impressão de que Nuno Simões poderia tentar escapulir-se á acção da justiça?

* * *

Depois, contando as manifestações de carinho de que o estadista foi alvo em Chaves, durante a sua permanencia ali, como hospede de Nicolau de Mesquita:

—No dia 2 do corrente visitaram no a Comissão Executiva e o Senado municipais. Não faltou um só dos vereadores. E, desde o dia da chegada até ontem, nunca poude recolher-se antes da 1 hora da madrugada, para receber quantas pessoas marcantes, da vila e dos concelhos limitrofes, quizeram ir significar-lhe o seu apreço.

* * *

Nuno Simões, que estava no extremo oposto da sala, a conversar e a blaguear com o deputado Domingos de Carvalho Araujo, com o governador civil de Vila Real e com o engenheiro Branco Cabral, percebeu que Guilhermino Nunes e o jornalista se lhe referiam e que as palavras do deputado, embora rigorosamente verdadeiras, eram de elogio para ele, e interveiu, confiante:

—Oh! Guilhermino: lá está você .. Deixe passar a onda, homem! A onda ha de passar...

* * *

Procurámos aproveitar o ensejo para mudar de interlocutor, e fomos rodeando o assunto da entrevista:

—V. ex.ª, afinal, está preso ou não está preso?

—Ainda não mo disseram. Mas é possivel... E' possivel, mesmo, que daqui por momentos se verifique o cumulo de o ministro das Comunicações se vêr incomunicavel de todo, para aí no calabouço de alguma esquadra...

—Correu que v. ex.ª fôra visto em Verin...

—Não é verdade. Era natural que lá tivesse ido como toda a gente; mas, por acaso, não fui. E' que, acima de tudo, não me tem sobrado, nos ultimos tempos, disposição propicia para passeios...

Entristeceu-se-lhe o olhar, até ali alegre, como se uma recordação dolorosissima lhe tivesse passado, lugubre, angustiosa, no espirito; e calou-se,

* * *

—Em se recordando do pai... Está muito viva, ainda, aquela magua que o feriu...— explicou, segredando, um dos amigos que lhe assistiam.

E vem ainda este pormenor:

—Calcule que fez ontem precisamente um mês que lhe morreu o pai... Foi mesmo, a missa do trigessimo dia que ontem se rezou por sua alma, o motivo que o determinou a passar por Famalicão, onde a mãe o aguardava envolta na sua inconsolavel viuvez...

Dali a coisa de minutos, o ex ministro do Comercio, acompanhado pelo governador civil de Vila Real e pelos agentes Paulitos e Robalo, seguiu num automovel para o quartel de Campolide.

Chegado lá, o sr. dr. Francisco Menano ouviu-o, houve perguntas e respostas que se vedaram á reportagem, e... ficou preso sob rigorosa incomunicabilidade.

Conversando com o juiz Alves Ferreira

14 horas. O juiz sr. dr. Alves Ferreira recebe os representantes da imprensa, numa ampla sala do antigo edificio do Credito Predial—o magistrado, de pé, encostado á parede, os jornalistas rodeando-o. Um pouco afastado do grupo, o chefe Santos.

—Sr. doutor: que novas podemos dar aos leitores?

—Que mandei prender o sr. Nuno Simões.

—E está incomunicavel?

—Sim, senhor! No quartel de Campolide. Não ha razão para deixar de ter a mesma sorte dos outros presos.

—Quais os motivos da prisão?

—Os que o processo me forneceu.

—Não ha mais prisões?

—Por enquanto, não as mandei fazer.

—Citam-se nomes de varias pessoas que constava iam ser presas? ..

—Já disse que não sei mais nada sobre prisões!

—Poderia v. ex.ª fornecer aos jornais o relatorio dos peritos sobre a falsificação das assinaturas?

—Depois de o lêr, se verificar que não ha nisso inconveniente para as investigações, não tenho a menor duvida...

Um colega interrompendo:

—Diz-se que nesse relatorio ha uma parte cuja publicação v. ex.ª não consentira...

O chefe Santos, a intrometer-se, abespinhado:

—Nesse caso, é por que o senhor já leu o relatorio. Ora, como quem tem conhecimento dele sou só eu e o sr. Pinto de Magalhães, desejo saber quem lho facultou.

—A forma como consegui lê-lo ninguem poderá obrigar-me a explicá-la.

O juiz sr. dr. Alves Ferreira voltou-se para o «reporter» visado e exclamou:

—Não admira que o senhor tenha conhecimento desse relatorio, porque era amigo do sr. Pinto de Magalhães e colaborou com ele nas investigações .. A mim me contou o senhor que até lhe dizia coisas ao ouvido...

Desviou-se a conversa:

—O sr. Nuno Simões queixa-se da fórma como foi preso...

—Isso é com a policia! Não sei disso! Eu só o mandei prender!

—E' acusado de...

—Eu mandei-o prender porque o processo me forneceu elementos para isso. Tenho a confiança do governo e tenho carta branca para proceder em todas as investigações como entender.

* * *

No processo figura como testemunha uma senhora aparentada com uma das principais familias brasileiras e que se encontra hospedada no Avenida Palace.

Esta senhora foi hoje novamente ouvida por um dos juizes auxiliares do sr. dr. Alves Ferreira.

(Vêr continuação na 8.ª pagina)

RENDAS DE PENICHE

Quem vende mais barato e tem melhor sortido é a **«Casa Arte e Ménage»**.

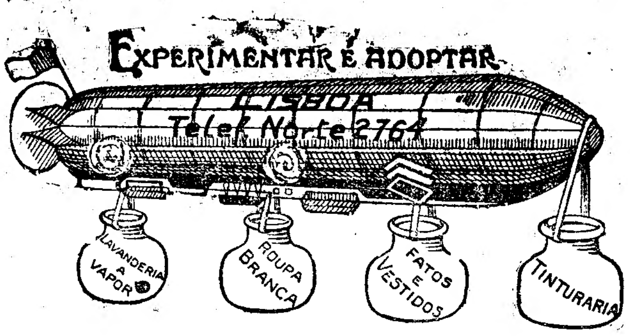
ALECRIM, 71, 1.º

TEATRO AVENIDA TELEF. N. 4356
COMPANHIA SATANELA-AMARANTE
Todas as noites, ás 21-15
O Pão de Ló

TEATRO APOLO TELEFONE N. 4129
Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha
HOJE ás 21-15 HOJE
A TABERNA

Theatro do Gymnasio
Telef. C. 2814 AMANHÃ A's 21-15
1.ª representação de
A TIA ANDRESA

Politeama Emp. Luís Pereira — Telef. 3028 N.
COMP. REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE, ás 21-15
Representação da peça em 4 actos, de Charles Méré, tradução de Carlos Alberto Ferreira
A Tentação
com Amelia Rey Colaço, Alexandre de Azevedo, Robles Monteiro e Teodoro Santos



CARNAVAL

TINTURARIA A VAPOR
ENTREGAS RAPIDAS
LAVANDERIA DE ROUPA BRANCA
Rua Marquez Sá da Bandeira, 61—(ao Campo Pequeno)
Sucursaes: Praça Restauradores, 26
Rua do Arco a S. Mamede, 4

CARNAVAL

BANCO PINTO & SOTTO MAYOR
LISBOA
RUA DO OURO, 18, 24

PORTO
PRAÇA DA LIBERDADE, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO
BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionais e estrangeiros

TEATRO DE S. CARLOS (M/N) TELFE. C. 3063
Companhia Lucilia Simões
HOJE—A's 9 1|4 da noite
OS HOMENS DE HOJE
(Les Neuveaux Messieurs)

EDEN TEATRO Telef. N. 3800
HOJE—2 Sessões—A's 8,30 e 10,45
Fungágá

TEATRO MARIA VITORIA TELFE. N. 3644
HOJE HOJE
A's 8 1|2 e 10 1|2, as representações da revista
FOOT-BALL

AS CAPAS Á ALEMTEJANA
São os Melhores Agasalhos e os mais chics

SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS
CELEBRE CASA DAS TESOURAS
Peres & Abrantes, Suc. Tel. 3336 N.
Rua da Escola Politecnica 51-51 A-53-55

P. N. A. M.

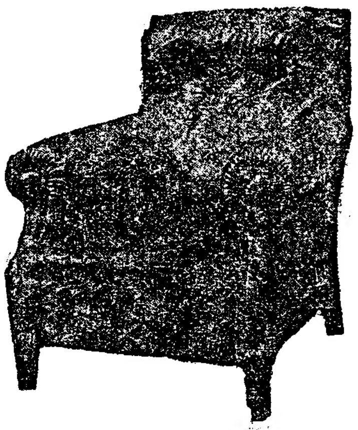
D. Maria do Carmo de Barros Pereira de Carvalho

FALECEU

Guilherme Pereira de Carvalho, Maria do Carmo Pereira de Carvalho, Guilherme Pereira de Carvalho Junior, sua mulher e filhos, Margarida Pereira de Carvalho Crato e marido, Antonio Guilherme Pereira de Carvalho, sua mulher e filha (ausentes), Alice Pereira de Carvalho de Brion, seu marido e filhas, Alzira Pereira de Carvalho, Antonio Pedro de Barros, sua mulher, filhos e genro, Viscondessa d'Alvellos, seu marido, filhos, nora e genros, Violante de Barros Ferreira de Souza, seu marido e filhos (ausentes), Thomazia de Barros, Violante de Barros d'Eça e Castro (ausente), Vicencia Pedrosa de Carvalho, filhos e genro (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar a seus parentes, amigos e pessoas das suas relações, que foi Deus servido chamar á Sua divina presença, sua muito querida e chorada esposa, mãe, sogra, avó, irmã, tia, sobrinha e cunhada e que o funeral se realisa amanhã, 13, quarta-feira, pelas 4 horas da tarde, saindo o prestito funebre da sua residencia, á Avenida da Liberdade N.° 166, para o Cemiterio dos Prazeres.

JOIAS ANTIGAS
Brilhantes grandes sem defeito pagamos por preço superior a todas as ofertas
Barreto & Gonçalves, Lda.
17 — Rua Eugenio dos Santos — 17
Telefone N. 3759

CONFORTAVEIS
GENERO «MAPPLE» FORRADO DE PELLE, ETC.
MOBILIAS
GRANDE SORTIMENTO DE CARPETES A PREÇOS BARATISSIMOS
JOSÉ OLAIO & C.ª (FILHO)
RUA DA ATALAIA 36 a 40—(Predio todo)
TEL. C. 3082



MOBILIAS Esmerada fabricação
SOUSA E BRITO
182, Rua da Rosa, 190

MOVEIS
Preços resumidos
3 — MOBILIAS — 3
4.150$00
Quarto de cama para casal. Casa de jantar e sala de visitas 26 peças.
1.400$00
Casa de jantar estilo português.
2.050$00
Quarto de cama estilo português.
2.800$00
Casa de jantar estilo inglês.
2.800$00
Quarto de cama com psicbé.
4.200$00
Casa de jantar em estilo inglês com cadeiras em sola e vitraux.
5.000$00
Quarto de cama em nogueira e espelhos ovais.
1.100$00
Escritorio genero inglês.
Grande «stock» e variedade em mobilia e moveis desirmanados.
ARMANDO SANTOS
Rua das Gaveas, 29 a 33
(Ao Camões)

Dona Maria do Carmo Barros Pereira de Carvalho

FALECEU

Mario Duarte, Pedro Bordallo Pinheiro, Mario Tavares de Carvalho, Artur d'Araujo, Alvaro Raio de Carvalho, Joaquim Roque da Fonseca, Erico Braga, directores e membros do Conselho da *Emprêsa da Revista «De Teatro», Ltd.ª*, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da Ex.ma Sr.ª Dona Maria do Carmo Barros Pereira de Carvalho, extremosa Mãe do seu querido Consocio e Amigo Guilherme Pereira de Carvalho Junior, director da referida Emprêsa, e que o funeral se efectua amanhã, pelas 16 horas, saindo o prestito funebre da Avenida da Liberdade, 166, para o cemiterio ocidental.

Comissão Tecnica de Remonta

A Comissão de Remonta comparece nos dias e localidades abaixo designados comprando todos os solipedes que lavradores ou negociantes apresentem nas condições gerais do Regulamento de Remonta:

Dia 11 — Estarreja
» 12 — Angeja
» 15 — Vila Franca de Xira e Cuba
» 16 — Santarem e Lisboa
» 17 — Beja
» 18 — Salvaterra
» 19 — Golegã e Portalegre
» 21 — Vila do Conde.
» 23 — Lisboa
» 25 — Evora

Lisboa, 9 de Janeiro de 1926.

O secretario
Luciano de Vasconcelos
capitão

BRILHANTES GRANDES
Sem defeitos, paga se 2 700$00 o quilate, cautelas do monte-pio e joias penhoradas no mesmo, paga-se todo o seu valor. Adianta-se dinheiro para retira-las. Rua 24 de Julho, 60, 1.°, a Santos.

Industria Reparadora de Automoveis Lt.ª

Participa a todos os seus amigos e clientes o falecimento da Ex.ma Sr.ª D. Maria do Carmo Barros de Carvalho, mãe do nosso socio sr. Guilherme Pereira de Carvalho Junior, e que o funeral se realisa amanhã, ás 4 horas da tarde, da Avenida da Liberdade, 166, para o cemiterio dos Prazeres.

HUMAGSOLAN
Cura a calvicie e evita a queda do cabelo — Remedio de uso nterno
Nas boas farmacias e drogarias
AGENTES: Wirges & Simões, Lda. R. Antonio Maria Cardoso, 23—LISBOA—Telef. 1186 C.

ESTRANGEIRO

A PATRIA
SOCIEDADE ALEMTEJANA DE SEGUROS
Séde: EVORA
LISBOA: — Rua do Alecrim, 20 A, r/c.
PORTO: — Rua do Almada, 287, 1.º.
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS NAS MELHORES CONDIÇÕES INCLUINDO DESASTRES NO TRABALHO E
—:—:— RESPONSABILIDADE CIVIL —:—:—

DE ITALIA

O corpo

da Rainha-Mãe

foi ontem transportado

da estação de Roma

para o Pantheon

num armão de artilharia

ROMA, 11

O feretro da rainha Margarida, entre uma enorme multião reverente e seguido dos principes de Saboia e Genova e dos ministros Rocco e de Discalea foi transportado para a estação de Bordighera num armão de artilharia, coberto com a bandeira nacional.

Durante o cortejo todos os sinos das egrejas dobraram lugrebremente, ao passo que as tropas, postadas ao longo do trajecto, prestavam as honras militares.

A urna foi depositada num vagão armado em camara ardente que, atrelado a um comboio especial, conduzindo os principes, os ministros e outras altas individualidades, partiu para Roma, sendo reverentemente saudada em todas as estações do percurso, e especialmente em Genova, Pisa e Livorno.

O comboio chegou a Roma ás nove da manhã, sendo aguardado na estação pelo rei Victor Manuel, Principe Herdeiro e Presidente Mussolini, achando-se fóra da mesma os representantes dos soberanos estrangeiros, corpo diplomatico, presidentes da Camara e do Senado e outras autoridades.

Depois de deposto o feretro sobre um armão de artilharia e prestadas as honras militares, formou-se um imponente cortejo.

Foi suspenso

todo o trabalho no comercio

O carro funebre era precedido por contingentes de todas as armas e ladeado por couraceiros e pelos ministros, seguindo-se-lhe o Rei Vitor Manuel, os Principes Reais e Mussolini, percorrendo a «Via Nazionale», o «Corso Umberto», as praças do «Colleggio Romano» e «Minerva», entre uma compacta multidão de rigoroso luto, ao mesmo tempo que os sinos do Campidoglio dobravam incessantemente.

No Pantheon era o feretro aguardado pela Rainha Elena, pelas Princesas Reais e pelas embaixatrizes, seguindo-se a celebração de solemnes exequias, depois do que foi colocado, em mausoleu provisorio, junto do tumulo do Rei Umberto.

Ao mesmo tempo, desfilavam pela praça do Panteon as associações e os representantes de toda a Italia, que se haviam incorporado no cortejo funebre.

Todo o trabalho foi suspenso, estando encerradas as repartições publicas, os escritorios e estabelecimentos comerciais e industriais.— (L.).

A divida

de Italia á Inglaterra

ROMA, 12.

O «Popolo Romano», apreciando os comentarios da imprensa inglesa, ácerca do pagamento da divida pela Italia contrahida na Inglaterra, prevê um feliz exito das proximas negociações, apesar das dificuldades existentes, mas que serão indubitavelmente vencidas, confirmando se mais uma vez a amisade ita'o-britanica.—(L)

O Papa

encerrou uma exposição

ROMA, 12.

O Summo Pontifice celebrou nos Jardins do Vaticano uma solene cerimonia encerrando a Exposição Missionaria Catolica, que, reorganisada será brevemente reaberta com caracter permanente, sob a denominação de «Museu Missionario».—(L.).

A FRANÇA NA SIRIA

Os beduinos

estão descontentes

e pedem o auxilio da França

contra os sirios

O problema da Siria não se resume exclusivamente aos Drusos. Os Drusos são apenas alguns milhares e têm casas. Ora as pessoas que têm casas são já cidadãos modernos. E é sempre facil governar pessoas a quem se pódem arrestar os moveis.

A unica população inquietante da Siria é aquela que não tem casa e representa duzentas ou mesmo trezentas mil armas... São beduinos, a população nomada do deserto.

Ora, os beduinos não estão contentes. E o deserto é proximo de Damasco. Uma visita desses arabes vagabundos seria perigosa. Do alto da cidade, avista-se no horizonte uma linha amarela iluminada pelo sol: é o deserto e são as tendas quadradas dos beduinos.

O enviado especial do «Matin» conseguiu falar, na sua tenda, ao chefe dos beduinos do Ledga, cujas declarações causaram grande sensação em França. Talal Slimen, imobilisado na posição costumada dos beduinos, fumava o classico «narghilé». A sua primeira resposta desconcertou o jornalista:

—Queixamo-nos de que a França não nos governa bastante...

—O que quere dizer?

—Os senhores fizeram entrar todos os beduinos, de Palmyra, do Ledga e de Damasco, no Etsado da Siria. Ora, nós não sômos sirios e não queremos depender de funcionarios sirios. Além de nos roubarem, enganam-nos. Ha poucos dias ainda, gendarmes sirios vieram reclamar um homem da minha tribu, de quem suspeitavam que tivesse cometido um crime. Seguindo o uso, respondi-lhes: «Eu não posso entregar-lhes um homem que está sob a minha guarda, mas ofereço-lhes cem libras em ouro de resgate, para que se faça justiça». Aceitaram e fôram-se embora. Mas no dia seguinte vieram pedir mais dinheiro. Não é honesto. Expulsei-os do meu acampamento e nunca mais volto a receber aqui gendarmes sirios. Só obedeço aos oficiais franceses.

—Mas se estão dispostos a obedecer, porque não entregam as armas? No tempo dos turcos, os beduinos não usavam armas. E', portanto, contra a França que estão armados...

—Engana-se. Cada beduino tem a sua arma, é certo. No tempo dos turcos era dificil comprá-las. Veio a guerra e houve armas por toda a parte. Passaram por aqui muitas caravanas que vendiam armas. Os beduinos compraram cada um a sua... Mas não é contra a França que faremos uso delas.

«E todavia, continuou o cheik, nós sabemos o que se passa na Siria. Emissarios de Damasco vieram visitar-me, como visitaram outros cheiks, pedindo-me que os auxiliasse a expulsar os «roumis» do territorio da Siria. Respondi-lhes que era a eles que eu tinha vontade de expulsar. Estou certo de que os outros responderam a mesma coisa. Outra vez, emissarios sirios vieram dizer-me que os beduinos do norte se tinham revoltado contra os franceses. Eu sabia que eles mentiam.

—E' certo...

—Portanto, já vê... São ladrões e mentirosos. E se quizerem que não usemos as nossas armas, desembaracem-nos deles. Não queremos ser Sirios, queremos ser franceses.

Conversando depois com o oficial que o acompanhava, o jornalista teve a confirmação das palavras de Talal Slimen.

—Para dar satisfação aos beduinos, respondeu aquele, bastava delimitar doutra maneira as fronteiras da Siria, transformando a região onde se estabelecem os beduinos em territorio áparte, mais directamente administrado pela França. Seria de uma grande vantagem politica e de um enorme alcance economico.

—Porquê?

—Porque podiamos regulamentar e vigiar mais de perto o vai-vem dos nomadas. Estas deslocações temporarias dos beduinos são uma praga para o país.O cheik Talal, com quem acabamos de falar, desloca só por sua conta, 40.000 camelos. Esses animais, depois de terem comido a herva, devoram o trigo, o algodão e as outras culturas. O país fica devastado. E' necessario canalisar este movimento, estabelecer strictamente as zonas de pastagem. E não são os Sirios que o poderão fazer, porque os beduinos não lhes guardam obediencia.

DE FRANÇA

Segundo

uma resolução

tomada no congresso

o partido socialista

encontra-se apto

para tomar conta do governo

PARIS, 12

A resolução do Congresso Socialista votada por 1766/1331, com 16 abstenções, recusa a participação do partido em qualquer governo formado por outro partido, mas declara que os socialistas estão aptos a governar, quer seja só, quer seja num gabinete em que eles tenham a maioria das pastas e a sua escolha. — (H.)

O boletim

da guerra de Marrocos

RABAT, 12

No agrupamento de Fez continuou a actividade inimiga que já foi assinalada na frente de Tiouat por meio de grande numero de golpes de mão sobre os postos.

Um grupo de dissidentes atacou a aldeia de Hadjarine; o ataque foi repelido pelos Goum Tabounas e pelos nossos partidarios.

A aviação bombardeou Boureboud.

No agrupamento de Taza, um destacamento de tropas regulares executou, sem incidente, um reconhecimento na região de Djebel Nador. — (H.)

A saude

do cardeal Mercier

PARIS, 12

Segundo boletim de saude do Cardeal Mercier: Desde ontem que se verificou que continuam ligeiras melhoras. Sua Eminencia poude alimentar-se (alimentos liquidos) um pouco mais. O pulso levantou-se sensivelmente e a temperatura é normal. — (H.)

CINEMA CONDES
HOJE
Estreia do grande «film»
de **David W. Griffith**
As duas tormentas
Grande problema moral social e religioso
por **Lilian Gish**
e **Richard Barthelmess**
1.ª jornada:
"A desamparada"

Miss Henderson
Professora de nacionalidade inglesa. Dá lições em sua casa e fóra.
T. do Alecrim, 3, 3.º

DR. ARBUES MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS AS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Dinheiro
SOBRE joias, pratas, antiguidades, automoveis e tudo mais que ofereça garantia, seja qual fôr a sua importancia, empresta: **A Comercial**, a juro mais barato.
18, T. da Trindade, 22
(ao Chiado) Telef.: 3992-C.

CALÇADO PARA «SPORT»
Bolas para Foot-ball, etc.
SAPATARIA DO CALHARIZ
E' quem vende mais barato
33, Largo do Calhariz, 33

DR. ARMANDO NARCISO
Medicina, tuberculose e sifilis
Travessa Nova de S. Domingos, 9, 1.º
(A' Rua do Amparo)—Telf. 5205 N.

P. N. A. M.

Julio Maria d'Andrade e Sousa

Faleceu

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Egreja

Maria Luiza da Cunha Monteiro d'Andrade e Sousa e seus filhos, Beatriz d'Andrade e Sousa Burguete, Maria Luiza da Cunha e Menezes Monteiro, Vicente R. Monteiro e seus filhos e nora, participam que foi Deus servido chamar á Sua Divina Presença seu muito querido marido, pai, irmão, genro e cunhado Julio Maria d'Andrade e Sousa e que o seu funeral se realiza amanhã, 13 de Janeiro, saindo o prestito funebre da estação do Rocio para o cemiterio occidental.

Só a casa J. Anão & C.ª Lt.ª, R. dos Fanqueiros, 376, 2.º, concerta bem maquinas de escrever
—
Telefone N. 3536

ULTIMAS NOTICIAS

ATELIER DE CHAPEUS DE SENHORA
chics, bom gosto e onde se não pagam luxos, só na
MANON
Rua João Crisostomo, 115, 1.
Telef. N. 5551
A. NEVES

ANGOLA E METROPOLE

QUEM
é o hospede
do quarto numero 77
do "Avenida Palace,,?

Tem feito a reportagem um certo alarido á volta das pessoas que acompanharam M. William Waterlow na sua viagem a Lisboa, não chegando a saber-se com segurança quem são os hospedes dos quartos numeros tal e tal e tal, do Avenida Palace, reservados para os subditos de Sua Magestade Britanica.

Hoje fizeram os rapazes dos jornais nova investida para desvendar o teimoso misterio, em que, pelo visto, até os empregados do hotel colaboravam.

—Quem é o hospede do 77?

Porfiou se; repetiu se a pregunta de muitas formas; insistiu-se por uma resposta que fôsse definitiva, e veiu a saber-se:

—E' M. Roberto Muir, comerciante inglês e amigo de M. William Waterlow. Aproveitou a oportunidade para vir a Portugal, e... mais nada.

—E quem está no 75?

Correra que no quarto n.º 75 é que estava instalado o «parafuso» da noticia, que tanto podia ser o celebrado Romer como um «detective» britanico, no locubrar dos «reporters»; e, depois de novas, demoradas e complicadas diligencias, esclareceu se o caso. O hospede do 75, nem é Romer nem é «detective». E' a nossa ilustre colega de imprensa sr.ª D. Virginia Quaresma.

* * *

A's 16 horas voltámos a avistar-nos com o sr. dr. Alves Ferreira.

—Quando é levantada a incomunicabilidade aos presos? perguntamos-lhe.

—Eu só mando levantar a incomunicabilidade aos presos, depois de terem terminado todas as investigações. Sei que me acusam de ter saltado por cima duma lei que não permite ter alguem incomunicavel durante mais de 48 horas; mas a verdade é que essa lei não foi feita para casos desta gravidade, que nem sequer foram previstos.

O sr. dr. Francisco Menano, aproxima-se e informa:

—Suspendi hoje o interrogatorio ao sr. Ferreira Junior, que já durava ha três dias.

—Já se póde saber alguma coisa?

—O que lhe posso dizer é que não uso «trucs», nem habilidades para arrancar confissões aos presos. Os presos falam muito á vontade; dizem o que querem; e eu, no fim, faço as observações ou objeções que entendo.

Uma pequena pausa para o juiz sr. dr. Alves Ferreira, ir receber o sr. dr. Azevedo Neves.

Em confidencia:

—Sabe que ha quem me acuse de andar a fazer um frete ao sr. Antonio Maria!? Ora! Ora! Eu a fazer um frete a um homem que não conheço! A primeira vez que o vi foi quando ele me convidou a tomar conta deste lugar.

Os circunstantes têm um sorriso ironico, e o juiz acrescenta:

—Mas ha mais. Hoje, segundo me disseram, esteve iminente um conflito no Café da Brasileira, por minha causa. Estabeleceram-se duas correntes; uma que dizia: «O velho lá está a fazer um frete ao Antonio Maria!» Outra que dizia que não.

—Fala-se em crise ministerial?

—Será por causa da prisão do sr. Nuno Simões...

—Creio que não.

—Talvez seja para nos mandarem embora: como, segundo me informaram, existem duas correntes, uma que nos deseja vêr nas investigações e outra que não...

Os outros magistrados, interrompendo:

—Isso é que era bom. Se eles demitissem o sr. dr. Alves Ferreira, nós iamo-nos tambem embora.

O melhor café é o da "Chic"

NOS DEPUTADOS

O caso
da prisão de Nuno Simões
foi tratado
pelo deputado Manuel José da Silva

O sr. Alberto Vidal enviou para a mesa um projecto relativo á protecção a um hospital.

Sucessivamente o presidente, dr. Daniel Rodrigues, dá a palavra a três, quatro deputados—que não estão presentes. Outros, desistem da palavra.

O sr. Manuel José da Silva, rodeado por quasi toda a Camara, pregunta se na mesa da Camara foi presente, enviada por quem de direito, qualquer petição no sentido de poder ser preso o deputado, antigo ministro, sr. dr. Nuno Simões.

O sr. Daniel Rodrigues:

—Na meza não ha nada.

O sr. Manuel José da Silva:

—Tenho de tratar, pois, deste assunto para precisar a minha posição nesta emergencia.

E o orador declarou que o espirito da deliberação da Camara, que resolveu sobre imunidades parlamentares, era apenas o de dar á presidencia a faculdade de auxiliar as investigações, prescindindo das imunidades para qualquer deputado, quando lhe fôsse pedido.

E termina:

—Fiz estas declarações apenas no intuito de varrer a minha testada!

Fez-se um certo silencio. Alguns apoiados tinham acompanhado as palavras do sr. Manuel José da Silva. Mais ninguem pediu a palavra sobre o assunto. O sr. presidente do Ministerio, que já estava na sala, não se encontra na sua bancada ministerial.

E começou a falar sobre estradas do distrito de Tomar o sr. Alberto Diniz da Fonseca, prometendo o sr. ministro da Agricultura transmitir ao sr. ministro do Comercio as considerações do orador.

O sr. Amorim Ferreira fala em seguida mal ouvido na tribuna da imprensa. O sr. Antonio Maria da Silva entretem agora conferencia com os srs. Pais Gomes e Vitorino Guimarães.

O sr. Alberto Jordão em resposta ao sr. Amorim Ferreira, declara que no pessoal do Sul e Sueste ha indisciplina, com conhecimento do pessoal superior.

E cita factos em abono da sua opinião, declarando que nas suas declarações não envolve toda a classe, mas apenas os verdadeiros indisciplinados.

* * *

O sr. Raimundo Alves protesta contra a importação de trigo exotico, e contra a deliberação de se importarem imediatamente 50 milhões de quilos de trigo em prejuizo da economia nacional.

—Ha trigo nacional ainda para dois meses, pelo menos, e como se compreende que se trate já de fazer uma importação onerosa para o Tesouro e para a agricultura?

Responde o sr. dr. Torres Garcia, dando explicações, mas ficando sem se saber se a importação se faz ou não.

O sr. Raimundo Alves mantem os seus pontos de vista, e pede que, se de facto, o governo tiver de autorizar, o faça só daqui a dois meses.

—O sr. ministro da Agricultura merece-nos confiança. Mas já não podemos dizer a mesma coisa da Bolsa Agricola. A Bolsa Agricola é uma especie de Banco Angola e Metropole!

Entre o ministro e o sr. Raimundo Alves trava-se vivo dialogo, defendendo o deputado os interesses da lavoura, que é prejudicada—diz—pela Moagem.

* * *

Na ordem do dia, o sr. dr. Alvaro de Castro fala sobre a reforma do ministerio do Trabalho, e continua a atribuir inconstitucionalidade aos diplomas publicados pelo anterior governo.

A sessão, ás 17 horas, está decorrendo em familia.

NO SENADO

João de Azevedo Coutinho
fez trez preguntas
ao ministro das Colonias

Hoje, no Senado, o sr. Medeiros Franco definiu a sua atitude, declarando-se esquerdista. O caso provocou interesse politico.

O sr. Azevedo Coutinho, senador monarquico, fez ao sr. ministro das Colonias três preguntas, relativas a Moçambique:

—Em que altura vão as negociações do Convenio da Africa do Sul?

—Em que estado se encontra a questão das transferencias?

—E' verdade terem as tropas indigenas actuado contra os grevistas?

No uso da palavra o senador monarquico referiu-se a um telegrama que diz ter o jornal o «Times» escrito que «era de esperar que os delegados portugueses á Sociedade das Nações acabassem com a escravatura». O orador declara que os delegados portugueses não têm nada que se empenhar em acabar com a escravatura porque ela acabou ha muitos anos.

O sr. Azevedo Coutinho, ante a atenção da Camara, referiu certos factos passados durante a sua administração em Moçambique, e apontou provas do reconhecimento, pela Inglaterra, da maneira como os portugueses vão á frente de todos os povos colonizadores no tratamento dos pretos.

O sr. Vieira da Rocha, ministro das Colonias, diz em resposta que as negociações sobre o Convenio fôram adiadas, «sine dia». Que a questão das transferencias está em estudo, e apresentou os inconvenientes da circulação de varios tipos de moeda. Sobre a intervenção dos pretos, declarou não ter informações.

O sr. Azevedo Coutinho disse ainda ser mau processo empregar pretos contra brancos, e comovidamente fez o elogio dos portugueses que sempre se bateram, como colonizadores, antes de qualquer outro povo.

O sr. Bulhão Pato, aludindo ao assunto, disse tambem não ser de admitir, sequer, a tese de que nós precisamos de acabar com a escravatura. Portugal aboliu-a ha muito, ainda outros povos castigavam os negros a chicote!

A POLITICA DA TARDE

TRÊS
magistrados
vão arrolar os bens
do Angola e Metropole

O sr. ministro da Justiça andou hoje comunicando aos «leadérs» da Camara que tenciona apresentar, talvez ainda hoje, uma proposta para dar o direito de apreensão a todos os bens que tenham sido adquiridos pelo Banco de Angola e Metropole.

Para isso propõe o ministro uma comissão de três magistrados indicados pelo Supremo Conselho Judiciario. Isto é, acrescenta o sr. dr. Catanho de Menezes, para evitar os processos de falencia, e dar á liquidação dos bens do Banco de Angola e Metropole aquela indispensavel urgencia que o caso requer, e os interesses da Nação impõem.

Esta proposta, por ser uma lei de excepção, será combatida, segundo as nossas informações, por todas as minorias da Camara.

* * *

O sr. Antonio Maria da Silva teve hoje, logo que chegou á Camara, uma larga conferencia com os srs. Vitorino Guimarães, Soares Branco e Paiva Gomes. Como se vê, dois ex-ministros das Finanças e o secretario geral do Banco de Portugal, o que nos leva a crêr que se trata ainda do Banco de Angola e Metropole. Podemos afirmar que a prisão do ex-ministro do Comercio, sr. dr. Nuno Simões, tal como foi feita, desagradou, em absoluto, a toda a Camara.

* * *

O sr. dr. Amancio de Alpoim entregou hoje na Comissão de Contas, o seu depoimento que consta apenas de dôze paginas, sobrias de palavras e recheadinhas de algarismos.

* * *

Do ministerio das Finanças recebemos a seguinte nota oficiosa:

«O Tesouro tinha desde ha muito; anos dois débitos ao Banco de Portugal em esterlino: um de £ 200.000, e outro de £ 120.000, provenientes de suprimentos em tempo feitos e sucessivamente renovados nos seus vencimentos. O ministro das Finanças resolveu pagar esses débitos nos seus recentes vencimentos, e os quais somam £ 320.000, ficando deste modo libertas as cauções que os garantiam e que poderão servir para quaisquer operações futuras, e diminuindo-se desse modo, nessa cifra, a nossa divida flutuante externa».

Um crime politico?

Nada está apurado ácerca do assassinato do caixeiro de praça José Faustino Beato, que, conforme noticiámos, apareceu morto á facada junto á linha ferrea de Campolide.

Por suspeita, foi preso o mecanico Eduardo Augusto Pereira, estando já provado que está inocente.

No entanto, continua ainda preso, em consequencia do caso ter sido ontem entregue á P. S. E., por o agente Delgado ter apurado nas suas investigações, tratar-se dum crime politico.

A P. S. E. vai devolver o processo novamente para a Policia de Investigação, que, por sua vez, diz que se trata dum crime comum.

Uma epidemia em Macau

De Macau dizem que apareceu ali, ha tempo, uma epidemia classificada de intericoleriformes, tendo havido 35 obitos em 48 horas; mas agora, devido ás providencias tomadas, essa epidemia está quasi extinta.

Provem os deliciosos Bifes da 'Chic'